2015
10 anos

Fenikso Nigra

EDITORIAL

Uma questão alimentar

Para o desenvolvimento de nossas convicções é necessária a discussão de determinadas práticas como autogestão, ação direta e práticas alternativas como o vegetarianismo/veganismo e amor livre.

Daremos enfoque a alimentação e a opção vegetariana/vegana. Uma das mais radicais mundanças comportamentais que inúmeros anarquistas e de outras vertentes assumem são os hábitos alimentares, que com muita razão são mais nutritivos e previnem doenças crônicas que a alimentação industrializada acentuou com seus conservantes, acidulantes, espessantes e por aí vai. As vantagens da alimentação natural com grande uso de hortaliças orgânicas preserva a saúde. Muitos anarquistas conhecem bem e vivem há muito tempo com uma dieta natural e contribuem com muita informação e atividades pró-alimentação natural e contra hábitos industriais carnívoros que deterioram a saúde. Ainda nesse ponto, a industria da morte em larga escala, verdadeiros campos de concentração e extermínio de espécies para o sustento de uma dieta assassina deve ser combatida. Todas as espécies no planeta possuem tanto direito de vida como a espécie humana e devemos respeita-las nesse sentido.

Estamos preocupados com isso e como anarquistas empenhados na luta pela vida livre, contra a exploração e opressão, buscamos alternativas que contemplem isso. O grande desafio a mudança de hábitos alimentares passa por dois aspectos que devemos não só discutir mas desenvolver programas de ação que respondam a essa questão. O primeiro aspecto é a educação e o segundo é a produção em larga escala para a população, garantindo o suporte básico para que todos se alimentem de forma continua e de custo baixo sem ser opressiva as demais espécies.

Mudar vícios/hábitos é um processo revolucionário, a luta!

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo,sem partido, sem religião, sem Estado.

AURORA OBREIRA

Número 45 - Dezembro 2014. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Artista Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Leticia Penteado
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 15

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

A
KONTINUAS LUKTANTO
ANARKIO.NET

Para um Núcleo de Educação Anarquica

Ação teórica = unir as atividades para as áreas de abrangência de formação libertária.

Trabalhos sociais de cunho libertário com a orientação/formação no campo anarquista. A prática depura e aperfeiçoa a práxis anarquista.

Organizar as atividades em um programa/planejamento de abrangência bi-anual com metas/objetivos a serem alcançados e como atingi-los.

Desenvolver o núcleo visando: discussão, divulgação e ação libertárias da região ajudando-os com os trabalhos/atividades do núcleo. A disputa de conhecimento não se trata de um combate de ideologias para saber qual é a melhor, até porque não há como estabelecer critérios de classificação imparcial que possibilite tal avaliação. O processo de confronto e disputa de conhecimento longe de assegurar um saber hegemônico, contribui para reflexão dos conhecimentos, da atualização dos discursos, aprofundamento ideológico ampliando possibilidades práticas/teóricas que isso acarreta.

O embate com outras construções teóricas, de outros matizes ideológicos e de correntes sociais, políticas, econômicas, culturais, educacionais etc longe de ser um desgaste, é a oportunidade de nossas convicções ideológicas sofrerem uma avaliação e reformulação. Adeptos de um discurso libertário, flexível e dinâmico, é muito significativo este tipo de postura, onde crítica e

auto-crítica nos servem de regulador de nossa ação. Preocupados com o desenvolvimento do saber anárquico, nos comprometemos em mantê-lo nesse processo transformador de condições e contradições onde sínteses se alternam, definem-se e a cada instante redefinem-se, só não há espaço para a rigidez que asfixia sobre o nome de verdade científica absoluta.

Para que é necessário:

De cada participante: compromisso através de uma apresentação (verbal/escrita/audio/video em reunião, como o cadastro de interesse); disponibilidade mínima de 4 horas (o equivalente a uma reunião mensal) com uma carga de leitura de textos disponíveis em pasta/fotocópias e por internet. Compreendendo a necessidade desses textos uma possível dificuldade de acesso, solicite ao coordenador de eventos a cópia de cada um. É desnecessário frisar a importância de atividades na sociedade local (Universidade, bairros e na própria cidade) e que são referentes a práxis anarquista.

Princípios - Fenikso Nigra

(Modelo simplificado)

Autonomia;
Ação Direta;
Democracia Direta;
Ser de Base;
Ser Classista Combativo;
Solidariedade;
Federalismo;
Estar Inserido Socialmente;

Autonomia: As pessoas que participam não estarão submetidas a qualquer estrutura representativa vertical (partidos, sindicatos, igrejas, órgão públicos, econômicos etc).

Ação Direta: Empregar forças organizadas nas bases populares com a participação do povo, vinculada ao aparato produtivo e ao apoio mútuo e setores não organizados. A decisão deve estar naquelas que exercem as atividades em suas bases. As discussões de base são estruturadas pelos debates nas regiões e remetidas a todos as pessoas participantes.

Democracia Direta: A cada grupo, célula e região devem assegurar a todos as pessoas membros informações e garantia de participação nas atividades, respeitando-se a organização e autonomia das regiões e pluralidade de idéias e culturas.

Base: O trabalho de ação social deve ser construído a partir das experiências das pessoas membros inseridas na comunidade, onde se torna efetiva a qualificação das lutas.

Classismo: Efetivar uma ética das classes populares e oprimidas contribuindo para a emancipação social, política, econômica e cultural.

Combatividade: Que as regiões e pessoas não se curvem ao comportamento servil, ao clientelismo, a cooptação de grupos econômicos, partidos políticos, ao conformismo e reformismo da esquerda representativa.

Federalismo: Ação regular, organizada e articulada por propostas em comum entre todas as pessoas e grupos companheiros.

Estar Inserido Socialmente: Deve-se procurar a participação dos maiores interessados na transformação social, de periferia, favelas e interessados em estabelecer trabalhos de organização popular e construção de estruturas sócio-econômicas e auto-gestionárias.

De um jeito simples, tentamos apresentar nossos princípios, qualquer duvida ou interesse maior no Fenikso Nigra ou no anarquismo, entre em contato:

fenikso@riseup.net

Uma revolução que acontece! 20 anos do levante Zapatista!

Há dez anos, em 1º de janeiro de 1994, quando entrava em vigor o NAFTA ou ALCAN (Acordo de Livre Comércio de América do norte, acordo feito entre os governos dos E.U.A, Canadá e México), levantavam-se no Sul do México, no estado de Chiapas (um dos mais pobres dos estados mexicanos), os rebeldes do EZLN - Exército Zapatista* de Libertação Nacional, ao grito de JÁ BASTA! (¡Ya Basta!) tomaram várias cidades e apresentaram-se ao mundo.

Com um caráter criativo e inovador, mostra-se o EZLN diferente de outras guerrilhas como as FARC (Colômbia) ou o EPR (também do México) que lutam para assumir o poder do estado, os zapatistas dizem "Queremos um mundo novo!", e completam "mas não nos interessa ganhar o poder estatal !".

A luta zapatista tem três eixos principais: o fogo, a palavra e a organização. O fogo refere-se ao Exército, que tem um caráter de autodefesa, na resistência contra os assassinos paramilitares (guerrilha do governo). A palavra, a qual faz-se muitas vezes mais importante que as próprias armas, criando assim uma imensa rede de apoio aos indígenas rebeldes de Chiapas e por último a organização onde milhares de pessoas trabalham para defender e construir as comunidades autônomas baseadas na rebeldia, na dignidade e no princípio zapatista de mandar obedecendo.

Os dez anos de resistência zapatista, apesar de encoberta pela mídia burguesa (claro!), mostra a todo o mundo que uma sociedade nova, baseada na solidariedade e não na coerção, na democracia

direta e não nos “líderes iluminados”, é possível !

A esta luta, não nos basta a solidariedade, pois a luta dos zapatistas é nossa luta. Quando dizem que lutam por dignidade, sabemos que também lutamos por dignidade indo contra uma sociedade que nos mata e oprime e vive da enganação e da mentira e quando dizem que cobrem seus rostos para serem vistos, sabemos que a luta revolucionária dos zapatistas é a luta dos sem voz e sem rosto de todo o mundo. E como dizem os próprios, “Estamos só começando !”

* o termo ZAPATISTA vem do revolucionário mexicano Emiliano Zapata, que juntamente com Pancho Villa, Rircardo Flores Magón e outros impulsionaram a luta que culminou na revolução de 1910.

Por Luiz, baseado no texto de John Holloway

Os anarquistas nas ocupações de fábricas na Itália

Por FAQ Anarquista

Retirado da seção A.5.5. do FAQ Anarquista (http://www.geocities.com/projetoperiferia2/indice.htm)

Ao final da primeira guerra mundial ocorreu uma radicalização massiva em toda Europa e no resto do mundo. Houve uma explosão de afiliações nos sindicatos, greves, manifestações e toda classe de agitação alcançaram grandes níveis. Isto se deveu em parte à guerra, em parte ao aparente êxito da revolução russa. Através da Europa, as ideias anarquistas se tornaram mais populares e as uniões anarcosindicalistas aumentaram de tamanho. Na Gran Bretanha, por exemplo, se produziu o movimento das ligas sindicais e as greves de Clydeside, na Alemanha o auge do sindicalismo industrial, e na Espanha um grande crescimento na anarcosndicalista CNT. Desafortunadamente, também houve grande crescimento nos partidos democrata-social e comunista.

Em agosto de 1920, houveram greves de ocupação de fábricas na Italia, como resposta aos baixos salários e ao endurecimento patronal. Estas greves começaram nas fábricas de engenharia e imediatamente se extenderam às ferrovias, transportes rodoviarios, e outras industrias, e os camponeses tomaram a terra. Os grevistas, contudo, fizeram algo mais que ocupar os locais de trabalho, puseram parte deles em regime de auto-gestão. Dalí a pouco 500 mil grevistas estavam trabalhando, produzindo para eles mesmos. Errico Malatesta, que tomou parte nestes êxitos, escreveu:

"os trabalhadores concluiram que o momento estava maduro

para a tomada de uma vez por todas dos meios de produção. Se armaram para sua propria defesa ... e começaram a organizar a produção por sua propria conta ... O direito de propriedade foi de fato abolido .. era um novo regime, uma nova forma de vida social que surgia. E o governo ficou à parte ao sentir-se impotente para oferecer oposição." [Vida e Ideas p.134].

Durante esta época a Union Sindicalista Italiana (USI) creceu até chegar a quase um milhão de membros e a influencia da Union Anarquista Italiana (UAI) com seus 20 mil membros cresceu em proporção. Segundo nos conta o reporter marxista galês Gwyn A. Williams "os anarquistas e os sindicalistas revolucionarios constituíam o grupo mais revolucionario da esquerda ... O traço mais saliente na história do anarquismo e sindicalismo em 1919-1920 foi o rápido crescimento ... Os sindicalistas sobretudo captaram a opinião da classe obreira militante que o movimento socialista inútilmente tratava de captar." [Proletarian Order, pp. 194-195].

Daniel Guerin dá um bom resumo da extensão do movimento, "a direção das fábricas ... se efetuava por meio de comitês de trabalhadores técnicos e administrativos. A auto-gestão se expandiu ... A auto-gestão emitiu seu proprio dinheiro ... Se requeria estrita auto-disciplina ... [e] uma estreita solidariedade se estabeleceu entre as fábricas ... [onde] as minas e o carvão se colocavam em um fundo comum e se repartiam equitativamente" [Anarchism, p.109].

Sobre as fábricas ocupadas tremulava "um bosque de bandeiras negras e vermelhas" posto que "o conselho do movimento de Turin era essencialmente anarcosindicalista" [Williams, op. cit., p.241, p.193]. Os trabalhadores ferroviarios se negaram a transportar tropas, os trabalhadores entraram em greve contra as consignas das associações reformistas e os camponeses ocuparam a terra. Tais atividades eram "já diretamente guiadas ou indiretamente inspiradas pelos anarcosindicalistas" [ibid., p. 193]

Não obstante, depois de quatro semanas de ocupação os trabalhadores decidiram abandonar as fábricas. Isto devido à atuação do partido socialista e aos sindicatos reformistas. Se opuseram ao movimento e negociaram com o estado por uma volta à "normalidade" em troca da promessa de aumentar legalmente o

controle pelos trabalhadores, em associação com os chefes. Esta promessa não se mantevo. A falta de organizações inter-fábrica independentes fez que os trabalhadores dependessem dos burocratas dos sindicatos para obter informaçòes sobre o que se passava em outras cidades, e usaram esse poder para isolar as fábricas e as cidades entre sí. Isto desembocou em uma volta ao trabalho, "apesar da oposição de anarquistas individualmente dispersos por todas as fábricas" [Malatesta, op. cit., p.136]. A confederação local de uniões sindicais não podia proporcionar a infraestrutura necessaria para um movimento de ocupação totalmente coordenado, posto que os sindicatos reformistas se negavam a colaborar com elas; embora os anarquistas constituíssem uma grande maioria, se viram impedidos por uma minoria reformista.

Este período da historia italiana explica o crescimiento do fascismo na Italia. Como indica Tobias Abse, "o auge do fascismo na Italia não pode desprender-se dos sucessos do bienio vermelho, os dois anos vermelhos de 1919 e 1920, que lhe precederam. O fascismo foi uma prevenção contra-revolucionaria ... lançado como resultado da fracassada revolução" ["The Rise of Fascism in an Industrial City" p. 54, en Rethinking Italian Fascism, pp.52-81].

Durante a época da ocupação das fábricas Malatesta sustentou que "Se não a levarmos até ao final, pagaremos com lágrimas de sangue pelo medo que agora provocamos na burguesía". Sucessos posteriores o confirmaram, quando os capitalistas e os ricos donos da terra apoiaram aos fascistas para ensinar à classe trabalhadora qual era seu lugar. Todavia, inclusive nos mais obscuros dias do terror fascista, os anarquistas resistiram às forças do totalitarismo. "Não é casualidade que a mais forte resistencia da classe trabalhadora ao fascismo ocorreu em ... os povos e cidades em que havia uma forte tradição anarquista, sindicalista ou anarcosindicalista" [Tobias Abse, Op. Cit., p.56].

Os anarquistas participaram, e muitas vezes organizaram seções do Arditi del Popolo, uma organização operária dedicada à auto defesa dos interesses dos trabalhadores. Os Arditi del Popolo organizaram e alentaram a resistencia operaria aos esquadrões fascistas, derrotando muitas vezes contingentes superiores em

numero de fascistas. Os Arditi foram os maiores defensores de uma frente operária unida, revolucionaria contra o fascismo na Italia, como sugeriu Malatesta e a UAI. Sem embargo, os partidos socialista e comunista se retiraram da organização, os socialistas firmando um "Pacto de Pacificação" com os fascistas. Os líderes dos socialistas autoritarios preferiram a derrota e o fascismo ao risco de que seus seguidores se "infetassem" de anarquismo.

Inclusive depois da criação do estado fascista, os anarquistas ofereceram resistencia dentro e fora da Italia. Muitos italianos, anarquistas e não anarquistas, viajaram à Espanha para resistir a Franco em 1936. Durante a segunda guerra mundial, os anarquistas jogaram um papel importante no movimento partisano italiano. O fato do movimento antifascista estar dominado por elementos anticapitalistas levou os EEUU e o Reino Unido a colocar conhecidos fascistas em posições governamentais nas localidades que "libertavam" (muitas delas já haviam sido tomadas pelos partisanos, resultando que as tropas aliadas "libertavam" o povo de seus proprios habitantes!).

Não é de surpreender que os anarquistas fossem os mais consistentes e triunfantes opositores ao fascismo. Os dois movimentos não poderiam estar mais aparte, o primeiro pelo estadismo totalitario a serviço do capitalismo enquanto que o outro era por uma sociedade livre, não-capitalista. Nem tampouco surpreende que quando seus privilegios e poder estavam em perigo, os capitalistas e os donos da terra se voltavam ao fascismo para que os salvasse. Este processo é muito comum na historia (tres exemplos, Italia, Alemanha e Chile).

Centro de Mídia Independente - Brasil

Fonte: http://www.nodo50.org/insurgentes/principal.htm

Aproveitando o caso Bolsonaro para fazer um glossário

Por L. Penteado

*Os recentes (e não tão recentes) acontecimentos envolvendo o já infame Deputado Jair Bolsonaro e a Deputada Maria do Rosário são tão repletos de machismo que vi neles a oportunidade de, finalmente, atender aos pedidos de que eu fizesse um glossário. Não ficou completo, claro, faltou muita coisa, mas deu para cobrir uns termos bem comuns no feminismo, acho que pode ser útil. Enfim, segue abaixo, com todo o meu carinho, a limonada que eu fiz, com pedrinhas de gelo e muito açúcar. <3

Obs.: Vou destacar os termos em si em vermelho, sublinhado, com um link em cada um para um texto com mais detalhes a respeito as definições básicas em azul. Observações que considero importantes serão destacadas em verde.

TW ou Trigger Warning (lê-se "tríguer wórnim"): é um aviso de que o que se segue contém alguma passagem que pode causar mal-estar e incômodo, a fim de que, ciente disso, a pessoa possa optar por não aprofundar o contato com aquele material, ou fazê-lo mais tarde, num lugar e momento em que se sinta mais à vontade para lidar com os sentimentos que o assunto pode trazer. Normalmente

vem acompanhado de uma explicação sobre o que há ali que se acredita ser capaz de acionar gatilhos emocionais. Neste caso, por exemplo:

TW: Violência verbal e física praticada contra mulher com a conivência das pessoas presentes

As imagens (veja aqui) falam por si mesmas. Para qualquer pessoa com um pingo de noção, o que o vídeo mostra é um covarde usando seu tamanho, sua força física e masculinidade para tentar calar uma mulher que nada fazia além de debater com ele muito civilizadamente. Um homem desequilibrado, que responde às críticas feitas por uma mulher inventando ofensas que ela não proferiu nem deixou implícitas e usando isso como justificativa para as agressões praticadas por ele próprio.

Ele, no entanto, grita: "tá na fita, meu deus do céu! Tá na fita!"

Por quê? Porque seus olhinhos porcinos não veem naquelas cenas o que nós vemos. Porque ele, na cabeça dele, acha que tem o direito de agir daquela forma. Que tem o direito de destratar mulheres que não "sabem o seu lugar" (supostamente abaixo dele e bem caladas).

Cá no feminismo chamamos isso de entitlement (lê-se "entáitou-ment"), neste caso, masculino – a atitude presunçosa e prepotente de quem arvora para si o direito de oprimir outra pessoa, de quem defende seus privilégios (veja definição logo abaixo) como se estes lhe fossem de fato devidos e não algo que ele deveria tentar desconstruir. Essa postura abarca também coisas como essa história de friendzone ("frendzoun") – um cara ficar ofendido quando uma mulher não quer fazer sexo com ele apesar de ele ser "tão legal" com ela - ou horrores como a chacina cometida por Elliot Rodgers este ano, um cara que saiu matando gente porque as mulheres tiveram "a ousadia" de não se interessar por ele e ele resolveu fazê-las pagar por isso.

Privilégio, nesse sentido, nós usamos para falar de um benefício de que alguém usufrui por participar de um segmento de pessoas que a sociedade privilegia em detrimento de outros. Esse é o segmento que é considerado "o normal", "a regra", pautando o ponto de vista a partir do qual as coisas são feitas e pensadas. Por

exemplo, é um privilégio heterossexual poder demonstrar carinho em público sem ter medo de sofrer uma agressão, é privilégio das pessoas sem deficiência que os estabelecimentos todos sejam imediatamente acessíveis a elas, é privilégio branco estudar a cultura de seus ancestrais como se fosse a única que realmente vale a pena estudar, e por aí vai. Um privilégio muito comum é o de não representar. Porque uma mulher, uma pessoa negra, uma lésbica, uma pessoa trans, etc. sempre são considerades como se falassem e agissem por todas as mulheres, pessoas negras, lésbicas, trans, etc.

O privilégio de gênero, de que aqui falo especificamente, é o privilégio que os homens têm em nossa sociedade só por serem homens, como, por exemplo, poder ter uma vida sexual ativa e ser exaltado (e não execrado) por isso, ou não viver com medo de ser estuprado, ou ninguém esperar favores sexuais seus em troca de qualquer coisa que faça por você, ou as pessoas não esperarem doçura e obediência e deferência de você.

Vale a pena observar, ainda, que privilégio não é algo que se tem porque se quer, é algo que se tem porque “o mundo é assim” (e ainda não mudou). Não é uma questão de culpa – não temos culpa de ter privilégios; ninguém escolhe ser branco, ser hétero, ser homem. Mas é uma questão de responsabilidade. De entender que, se fazemos parte de um grupo que é considerado “o normal”, temos privilégios que muitas vezes sequer somos capazes de enxergar, de tão habituades que estamos a eles. E daí, a partir desse entendimento, fazer força para ver e desconstruir esses privilégios, ao invés de seguir usufruindo deles e reafirmando-os como se fossem direito nosso (entitlement).

Ou seja, a postura do deputado foi um verdadeiro show de entitlement, por não só praticar a violência, mas defender sua prática como direito seu.

Para justificar seus atos, ele brada aos quatro ventos que ela disse que ele era estuprador, coisa que ela não fez, como comprova o vídeo. Ela disse apenas que ele era responsável pela violência a que se referia em sua entrevista. E ela está certa em dizer isso, porque ele alimenta a cultura do estupro, a cultura que banaliza e estimula o estupro, que é justamente formada por palavras e posturas como

as dele, que o legitimam, que dão a entender que não é nada demais, que é objeto de piada, que a culpa é da vítima ou que cabe à vítima evitá-lo, que a falta de consentimento é irrelevante ou que consentimento em si é um conceito "relativo", etc.

Transformar o ponto de vista efetivamente arguido pela deputada em "você me chamou de estuprador" é o que a gente chama de falácia do espantalho: quando você distorce um argumento até ele ficar quase irreconhecível (faz um espantalho) e daí ataca essa distorção (bate no espantalho), mostrando-a absurda (claro que é absurda, é um espantalho) e dando com isso a impressão de que o argumento original é absurdo também. Ou, no caso, nem bate no espantalho, usa-o para justificar suas atitudes desequilibradas.

O que nos traz ao próximo item do glossário: gaslighting ("gaslaitim"). Eu falo muito disso aqui no blog. Gaslighting é quando alguém manipula a situação, tentando (ou conseguindo) nos fazer duvidar da nossa própria percepção. Por exemplo, quando a pessoa nos agride e faz parecer que a vítima é ela, ou que a culpa da agressão é nossa, ou que nós é que somos sensíveis demais, ou que não estamos sentindo de verdade o que estamos sentindo, etc. No caso que comentamos, isso fica claro porque, apesar de tudo o que ele fez, ele não se cansa de dizer que, na verdade, ela que é a agressora.

Se fosse o contrário, ela estaria sendo amplamente ridicularizada como uma "mulherzinha histérica incapaz de diálogo". Isso porque, devido à nossa fama de sermos irracionais e exageradas, parece que nunca estamos legitimadas a reagir à violência que os homens, por sua vez, se sentem muito frequentemente legitimados a praticar conosco.

Amparado numa mentira, o homem vocifera com o dedo fálico em riste diante do rosto da mulher, brandindo-o como uma arma, uma ameaça. Dispara, sem piscar ou hesitar: "Eu não te estupro porque você não merece". Assim, com naturalidade, como se para ele a violência sexual fosse algo tão corriqueiro quanto a lama em que ele chafurda todos os dias. Tal frase deixa claro não apenas que, na opinião dele, há mulheres que de fato merecem ser estupradas, mas

que, se ele estivesse diante de uma mulher que ele julgasse merecer isso, ele estaria disposto a incumbir-se dessa “missão”.

Mais tarde ele “esclareceu” que disse que ela não merece ser estuprada porque é “feia demais”. Ou seja, a intenção dele ao dizer isso era de fato a ameaça do estupro corretivo: um crime que vitima especificamente mulheres lésbicas, assim “punidas” por não se fazerem sexualmente disponíveis aos homens, mas que vem sendo ampliado para ameaçar mulheres que incomodam o domínio masculino, a exemplo do ocorrido com Anita Sarkeesian e Alanah Pearce. O recado, aparentemente, era “olha, você passou dos limites, mulher, se você fosse mais atraente para mim eu te estupraria para te ensinar uma lição”.

Não é à toa que ele ouve no vácuo acusações de ser estuprador. Talvez elas venham ressoando cacofonicamente de seu inconsciente. Freud ajudaria muito, se ainda fosse vivo e não tivesse ele próprio algumas inclinações um tanto preocupantes no sentido do machismo.

Fico me perguntando se esse homem teria usado essa mesma linha “argumentativa” se estivesse dialogando com um outro homem. Aliás, fica a dica desse bom teste para ver se as suas posturas ou palavras são machistas. Se, quando você se pergunta: “eu faria ou falaria isso se estivesse lidando com um homem?”, a resposta é não, vale a pena repensar. Pode ser que não seja nada, pode ser que seja tudo.

Mas ele foi além. Homem bem macho que é, habituado ao espalhafato preconceituoso pelo qual nunca sofre quaisquer consequências, agrediu fisicamente a mulher que o interpelava, ameaçando-a com “vou te dar outra”, enquanto empurrava o peito dela com a mão. Não fosse a intervenção de outros homens – que só apareceram depois do pedido de socorro dela, um deles aparentemente sorrindo, espero de coração que por constrangimento – sabe-se lá o que ele teria se sentido no direito (entitlement) de fazer com ela pelo simples fato de ela ter a “insolência” de expor a incoerência das ideias dele.

Assim que se viu amparado por um igual, no melhor estilo “me segura, me segura”, largou logo um “vagabunda” (palavreado

cotidiano dele, certamente) para ela, que, consternada, apenas conseguia se fazer repetir "o que é isso?"

Isso, no caso, é o que nós chamamos de slut-shaming (slãt-cheimim), que é o ato de incutir nas mulheres a noção de que é vergonhoso para elas que exerçam sua sexualidade, seja reprovando qualquer demonstração disso (coisas como "ela não se dá o respeito" ou "ela é vulgar"), ou mesmo transformando isso em um xingamento (vagabunda, vadia, piranha, vaca, galinha, rodada, arrombada), ainda que ele venha a ser usado para agredir mulheres por motivos que nada têm a ver com sua vida sexual, porque, mesmo nesses casos, isso funciona como um lembrete a todas de que o valor de uma mulher perante a sociedade machista cai a cada vez que ela faz sexo. O que é impressionante é que, assim como a maioria das mulheres já sofreu alguma forma de slut-shaming em algum momento da vida, a maioria das mulheres também já praticou alguma forma de slut-shaming em algum momento da vida. Isso acontece não porque "as próprias mulheres são o problema", ao contrário do que muitos machistas gostam de afirmar, mas porque essa é uma noção que se faz tão presente nas nossas vidas desde a nossa mais tenra infância, que se torna algo introjetado, cuja desconstrução dificilmente ocorre sem um esforço consciente nesse sentido.

Mais tarde no vídeo aparecem cenas em que essa mulher, num ato de sororidade, de reconhecimento das outras mulheres como suas irmãs na vivência do machismo que nos oprime a todas, invocando a união que devemos ter diante desse tipo de violência, diz com todas as letras a verdade que deveríamos ver escrita em letras garrafais em todos os muros de todas as casas de todas as ruas pelas quais passamos em nossas vidas enquanto somos assediadas por homens que se julgam no direito (entitlement) de nos apreciar como se fôssemos objetos para seu consumo: "Nenhuma mulher é vagabunda".

Ela não se retraiu, ela não se encolheu, ela manteve a cabeça erguida, ainda que visivelmente chocada com a violência descarada que se desenrolava despudoradamente diante das câmeras e com a conivência e apatia des presentes, que precisaram ser chamados,

convocados, para que enfim tomassem uma atitude.

Ao final, ele, o homem, o bully, gritou, em tom jocoso e vitorioso "Chora, agora! Chora!" enquanto ela, a mulher, a vítima, deixava o recinto visivelmente abalada.

E tem gente, para meu completo horror, que fala que não houve nada demais, porque ele "nem bateu nela de verdade". Bom, primeiro que a ameaça de violência já é uma violência. Especialmente a ameaça de uma violência que ocorre durante uma discussão ou debate – um murro na mesa, um grito, uma aproximação súbita com postura ameaçadora – porque é algo que se faz para inibir a outra pessoa de dar continuidade ao seu lado da conversa por medo de sofrer uma agressão. É uma estratégia covarde de pessoas autoritárias, que gostam de encerrar a discussão no grito ou na porrada, mesmo quando estão erradas. Segundo que ele chegou a tocar nela. Pode não lhe ter causado nenhum ferimento, mas foi uma invasão brutal do espaço físico dela e a intenção de intimidá-la e agredi-la era muito clara. Torno a dizer que me parece que ela teve sorte de não estar a sós com ele naquele momento.

Depois disso, ela saiu de cena, e ele retomou a entrevista (a)normalmente, como se nada tivesse acontecido. Agredir mulheres verbal e fisicamente, aparentemente, não movem sequer um fio de cabelo em sua fronte. Nada demais, só mais um dia de trabalho.

Isso tudo aconteceu em 2003 e, como costuma ocorrer, nenhuma medida foi tomada contra ele.

Mas eis que, mais de dez anos depois, na última terça-feira, o próprio homem fez questão de requentar o assunto, com a boca cheia de um orgulho que eu simplesmente não consigo entender. O entitlement desse cara é de tirar a gente do sério.

A deputada a quem ele agredira havia acabado de fazer um discurso rechaçando a violência da ditadura e exaltando o trabalho da comissão da verdade. E esse homem, que um dia já usou uma farda, ofendeu-se até o tutano de seus ossinhos fascistas, e abriu sua fala, que se seguiu à dela, relembrando de forma completamente medonha o episódio: "Não saia, não, Maria do Rosário, fique aí. Fique aí, Maria do Rosário. Há poucos dias você

me chamou de estuprador no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fique aqui para ouvir!”

É marcante o tom de comando, de ordem. De quem está acostumado a ser obedecido, sob pena de detesto pensar em quê. A cereja no bolo é ver o que se passou, toda aquela agressão, inclusive física, dele, reduzida ao que parece ser um papinho acalorado. Mais gaslighting.

Entrevistado, ele explica que ele não é agressivo, que ele sim luta contra o estupro, que estuprador é psicopata (estuprador é monstro, coisa que ele não é, logo, não pode ser estuprador, claro), que dizer que não estupraria Maria do Rosário foi uma ironia… isso é o que a gente chama de mansplaining (méns-pleinim) ou homexplicanismo. Quando um homem vem cagar regras em cima de uma mulher, ou seja, explicar, em tom professoral e condescendente, coisas óbvias, ou que ela já sabe, ou falar de coisas de que ele sequer entende, porque parte do princípio de que, só por ser homem, ele naturalmente merece ser levado mais a sério e sabe mais do que qualquer mulher sobre o que quer que seja. Pode ou não ao mesmo tempo ser ou vir acompanhado de gaslighting (“Por que você está irritada? Estou só conversando com você, expondo meu ponto de vista”). Eu já vi homens homexplicando para mulheres que a dor da cólica menstrual nem era tão intensa assim. Pois é.

E podemos aproveitar o ensejo para explicar o conceito de falsa simetria. Falsa simetria é quando duas coisas parecem ser (ou são expostas como se fossem) iguais ou semelhantes, mas na verdade não são. Muitas vezes isso fica evidente quando analisamos o contexto em que elas ocorrem. Por exemplo, muitas pessoas diriam que “ah, mas tem um monte de mulheres que cagam regras”. Sim, mas a questão é que o homem, quando age dessa forma em relação a uma mulher, age com todo o amparo e peso de uma cultura machista, que consistentemente valoriza e privilegia a fala do homem em detrimento da fala da mulher. É por isso que vemos tantos homens fazerem isso e não serem rechaçados, enquanto suas interlocutoras, que foram criadas para suportar esse tipo de atitude, começam a duvidar de si mesmas mesmo quando sabem que sabem do que estão falando. Chega a dar tristeza de ver.

Mas, enfim, esse cidadão machista, não contente com a sujeira que já fizera há tanto tempo, veio novamente, em sua fixação anal de fazer federem todos os ambientes de que participa, demonstrar aos homúnculos seus aprendizes a velha arte de como desvalorizar a fala de uma mulher: ao invés de atacar o conteúdo, fale da pessoa dela, da aparência dela, da sexualidade e da vida sexual dela, des filhes dela, de companheire dela; ameace-a com violências que, por ser muito macho, poderia praticar com ela, por ela ser mulher.

E seus seguidores aprendem tão bem que na própria defesa do mestre pelas redes sociais saem fazendo exatamente isso com as mulheres que ousam questionar as falas estapafúrdias dele.

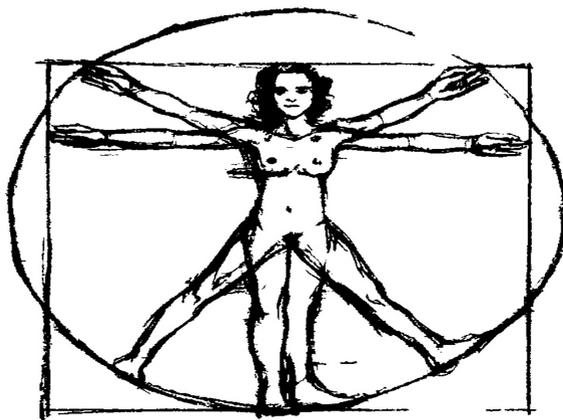
É isso que é o tal argumento ad hominem. Quando, ao invés de rebater o que uma pessoa disse, alguém ataca a própria pessoa, com a intenção de, por tabela, desqualificar o argumento ou mesmo tirar o foco dele. É interessante que muitos homens digam que as mulheres estão usando essa falácia quando elas apontam que eles estão homexplicando alguma coisa. É outra falsa simetria. Apontar homexplicanismo não é desvalorizar a opinião do cara porque ele é homem. É denunciar um comportamento nocivo e machista. O problema não é ele ser homem. O problema é ele usar sua posição de homem para fazer prevalecer sua cagação de regras.

Mas, enfim, voltando ao caso do deputado, a ideia por detrás das provocações feitas por ele mais uma vez é claramente a de intimidar, ridicularizar e silenciar a mulher. Transformar o gênero dela em uma fragilidade e usar isso para desvalorizar suas posições políticas, apoiado numa cultura que "naturaliza", normatiza, o machismo a ponto de tornar piada a indignação diante dele. Usufruir do que a gente chama de privilégio de gênero.

Por fim, como podemos ver em inúmeras falas dele, o deputado em questão tokeniza o estupro e as vítimas de estupro constantemente. Tokenizar, ou fazer token é usar uma opressão, uma causa ou pessoas de um grupo que sofre uma opressão para "justificar, defender, explicar o seu ponto de vista" (vide texto do link). Por exemplo, quando uma pessoa branca diz algo racista, mas daí se defende dizendo que não é racista porque é parente de

pessoas negras. E é isso que esse cara faz quando nutre avidamente a cultura que perpetua o estupro na nossa sociedade ao mesmo tempo em que usa esse crime como pilar de seu discurso vazio de “lei e ordem”, de redução da maioridade penal, etc. Repudia o estupro, mas fala como se houvesse mulheres que considera o merecerem. Repudia o estupro, mas o usa em insultos e piadas, como forma chocar e intimidar mulheres. Repudia o estupro mas dá a entender que estupraria.

Talvez esse homem não tenha consciência disso – é o caso de muites – mas o que diminui índices criminais não é a severidade da pena, mas a sua certeza. Não adianta prever pena de morte, tortura e mutilação se todo mundo sabe que pode fazer à vontade que não dá nada. Ele próprio deveria saber disso, já que conhece por dentro essa lógica: por que outro motivo continuaria a agir com sua truculência característica, senão porque se crê absolutamente inatingível nela? De tanto fazer e ficar por isso mesmo, ele já sedimentou que é seu direito agir dessa forma. Entitlement. De novo.

Ps: Para acesso ao texto original com as cores propostas, acesse o blog: http://leticiapenteado.wordpress.com/2014/12/15/aproveitando-o-caso-bolsonaro-para-fazer-um-glossario/

Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,

vivo e de amplas possibilidades,

sem opressão e

sem exploração ...

ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,
NÃO DEIXE OS "VALORE$" TE MANIPULAR!

Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net
http://anarkio.net
Movimento Anarquista

PESSOAS

TRABALHADORAS + ESTUDANTES + DESEMPREGADAS

SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO É MEIO DE LUTA!

anarkio.net

CONHECE E ORGANIZA

POR BEM ESTAR E LIBERDADE!

Maio Combativo!

NEM 1 HORA A MAIS, NEM 1 R$ a MENOS!

---

fenikso@riseup.net - ligalibertaria@riseup.net - operario.boletim@gmail.com

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net